

MARÉ

DE NOTÍCIAS



De cada 100 pessoas assassinadas no Brasil, 71 são negras

No mês da Consciência Negra, um histórico das causas do racismo no Brasil.
PÁGINAS 8 E 9

Atacar qualquer religião é crime no Brasil

PÁGINAS 10 E 11

Doar sangue salva muitas vidas

PÁGINAS 4 E 5

A volta do funk das antigas

PÁGINA 3

DOUGLAS LOPES



Na Maré a Arte tem vez

Duas grandes exposições exaltam a cultura negra. No Centro de Artes, a obra da escritora mineira Conceição Evaristo trata das questões raciais, de gênero, e sobretudo, da condição da mulher negra. No Galpão Bela Maré, a 'Mostra Diálogos Ausentes' tem obras de 17 artistas negros brasileiros.

PÁGINAS 12 E 13

Lugar de criança é na escola

A falta de dinheiro e da figura paterna fazem com que crianças trabalhem para ajudar em casa. Mas a verdade é que o trabalho infantil não afasta da criminalidade, ele muitas vezes é o caminho para se cometer crimes.

PÁGINAS 6 E 7

FÁBIO CAFFÉ



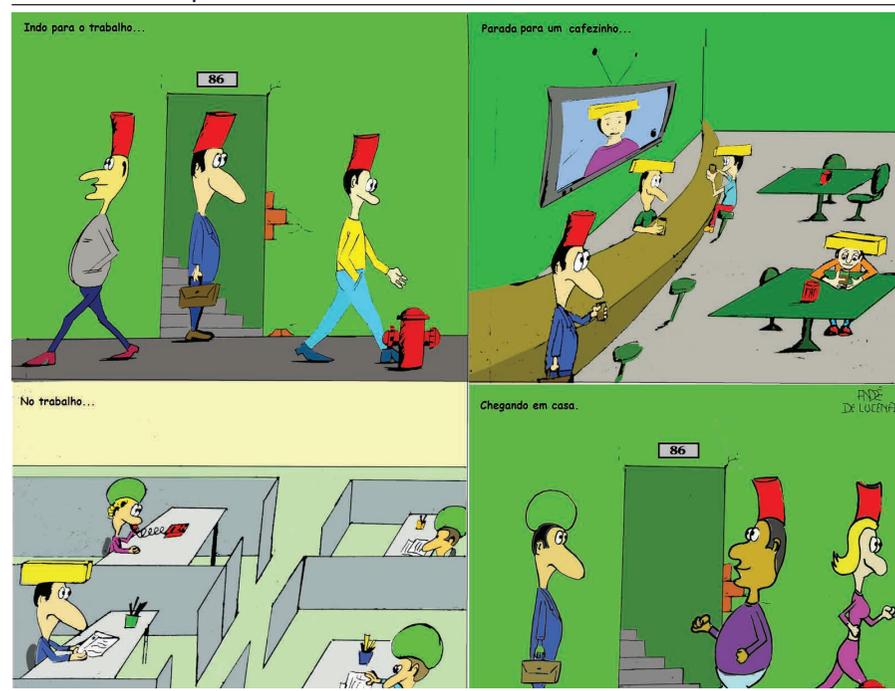
EDITORIAL

Olá, bem-vindo à Edição nº 82, de novembro, mês em que se comemora o Dia da Consciência Negra. Para refletirmos sobre o tema, um resgate histórico acerca do racismo foi escrito pelo jornalista convidado, Jorge Melo. Negro de periferia e hoje doutorando em História, Jorge nos mostra, nas páginas 8 e 9, como até os dias de hoje, desde a escravidão, o negro luta por espaço e respeito. Olhando para a História podemos entender um pouco nosso presente e lutarmos mais conscientes por um futuro melhor, mais justo, democrático, livre de preconceitos e julgamentos. Nessa perspectiva, duas exposições desembarcam aqui no Rio de Janeiro, na Maré, vindas do Itaú Cultural de São Paulo, para ajudar nessa reflexão sobre o papel do negro e sua importância na construção do Brasil: a vida de Conceição Evaristo, negra, professora, escritora e militante no movimento negro está disponível ao público no Centro de Artes da Maré. São cartas, manuscritos, vídeos que contam a história da artista. Passos adiante, no Galpão da Bela Maré a Mostra “Diálogos Ausentes”, em parceria com o Observatório de Favelas, apresenta obras de 17 artistas negros brasileiros das artes visuais, cênicas e do audiovisual. Questões raciais traduzidas em objetos, instalações, vídeo-performances, fotografias, esculturas e projeções. No Rio, a edição desta Mostra conta com obras que não foram vistas em São Paulo. Outra reportagem dedicada ao tema é sobre a intolerância religiosa, que nada mais é que a perseguição a religiões de matrizes africanas. Por isso, tão importante falar de racismo ainda nos dias de hoje. Uma outra temática forte e impactante é a do trabalho infantil. Milhares de crianças saem às ruas diariamente para trabalhar e ajudar no sustento de suas famílias. Mas isso é ilegal. Lugar de criança é na escola aprendendo, criando, socializando com outras crianças. Trabalhar é para adultos, no caso de criança, o trabalho só desfavorece, acaba facilitando a entrada no mundo do crime. E para refrescar a mente, o Maré de Notícias acompanhou um grupo que sente saudades do *funk* das antigas e está promovendo as festas *flashback*, que vêm lotando as ruas da Nova Holanda. Imperdível essa leitura! Até dezembro, leitor!

ERRAMOS

Na Edição de número 81, na página 12, a foto do autor do artigo está sem o nome do fotógrafo. O crédito da fotografia é de Bira Carvalho. Pedimos desculpas pelo nosso lamentável esquecimento.

HUMOR | André de Lucena



HUMOR

Um aluno de Direito fazendo um exame oral: O que é uma fraude? Responde o aluno: É o que o Sr. Professor está a fazer. O professor muito indignado: Ora essa, explique-se... Diz o aluno: Segundo o Código Penal comete fraude todo aquele que se aproveita da ignorância do outro para o prejudicá-lo! (E então... na lógica...)

**ENVIE SUA POESIA,
FOTO, RECEITA
OU PIADA. ESSE
ESPAÇO É SEU!**

comunicacao@redesdamare.org

EXPEDIENTE

REALIZAÇÃO:

redesdamaré

R. Sargento Silva Nunes, 1012
Nova Holanda - Maré
Rio de Janeiro - RJ - CEP: 21044-242
Telefone: (21) 3105-5531 / 3104.3276
comunicacao@redesdamare.org.br

PARCERIA:

actionaid

UMA INICIATIVA:

Redes de Desenvolvimento da Maré

DIRETORIA:

Alberto Aleixo
Andréia Martins
Eliana Sousa Silva
Edson Diniz Nóbrega Júnior
Helena Edir

APOIO:

16 Associações de Moradores da Maré
Observatório de Favelas
Conexão G
Luta pela Paz
Vida Real

EDITORA EXECUTIVA E JORNALISTA RESPONSÁVEL

Daniele Moura
(Mtb - 24422 /RJ)

COLABORARAM NESTA

EDIÇÃO:

João Ker
(Mtb 0987/RJ)
Hélio Euclides
(Mtb 29919/RJ)
Jorge Melo
(Mtb 38915/RJ)

FOTÓGRAFA

Elisângela Leite
Douglas Lopes

REVISORA:

Elizete Munhoz

PROJETO GRÁFICO

Mórua_Oficina de ideias

DIAGRAMAÇÃO

Filipe Almeida

IMPRESSÃO

Folha Dirigida

TIRAGEM

50 mil exemplares

OS ARTIGOS ASSINADOS NÃO REPRESENTAM A OPINIÃO DO JORNAL.

PERMITIDA A REPRODUÇÃO DOS TEXTOS, DESDE QUE CITADA A FONTE.

GARANTA SEU JORNAL!

O **MARÉ DE NOTÍCIAS** chega todo mês na Associação de Moradores da sua comunidade. É só ir buscar. É gratuito. Leia também o jornal no nosso site: www.redesdamare.org.br

[f/redesdamare](https://www.facebook.com/redesdamare)

[i/redesdamare](https://www.instagram.com/redesdamare)

[@redesdamare](https://twitter.com/redesdamare)

De volta ao passado

Festas relembram os bailes *funk* das antigas

HÉLIO EUCLIDES

“**E**u só quero é ser feliz, andar tranquilamente na favela onde eu nasci, é, e poder me orgulhar, e ter a consciência que o pobre tem seu lugar”. Muitos se lembram com saudosismo dessa letra do Rap da Felicidade, de 1994, e, provavelmente, se recordam de tantas outras músicas que marcaram época. Esses raps estavam nos bailes das antigas, que reuniam canções brasileiras e *funk melody* internacional, como *It's Automatic*, que todos cantavam “É tchô tchô méri”, *Spring Love* e *Whoop! There it is*, que virou “Uh, tererê”. Esse espírito irreverente está de volta com as Festas *Flashback*.

A diferença encontrada é que os bailes das antigas são compostos por músicas mais melódicas e temas mais românticos, seguindo mais fielmente a linha musical do *freestyle* americano. Alguns desses *funks* traziam em suas letras temas de protestos, humildade e paz. O motivo era que, na época, ocorriam os chamados “corredores”, quando dois grupos rivais, chamados de “lado A e lado B”, se enfrentavam, com direito a espancamentos no “corredor polonês”. Então, “os antigos sempre pediam paz, pois o povo brigava e aconteciam confusões. Queriam com isso acabar com as rivalidades. Hoje é só paz, temos maturidade e formamos famílias”, destaca **Clayton Pereira**, de 37 anos.

Uma dessas festas *flashback* acontece na Nova Holanda, que além de Clayton na organização, reúne os amigos **Roy Buiu**, de 41 anos, **Thiago Goati**, de 33 anos, e **Neno D2**, de 37 anos. “Em 2008, começamos na laje e depois com equipe de som. Antes não tinha essa organização, nem a pretensão de realizar outras. Já na rua, a primeira festa aconteceu no dia 15 de abril, com os mais velhos querendo a segunda edição. Queriam ouvir este ritmo, que os acompanha sempre,

mas que não está presente com frequência nas baladas atuais. Então, fizemos outra no dia 12 de agosto, que reuniu de mil a 1.500 pessoas. A ideia é produzir quatro eventos por ano”, exalta Roy Buiu.

“O desejo de fazer esse baile na nossa comunidade surgiu quando vimos outros eventos em outras localidades. O objetivo é resgatar o antigo *funk*, uma época, numa festa sem violência e sem apologia. Desejamos uma unificação pelo *funk*”, destaca Thiago Goati. Hoje, acontecem muitas dessas festas pela cidade, nas quais os participantes vão uniformizados e com bandeiras. “O objetivo é concentrar o máximo de participantes, com uniforme e bandeira; tem baile que esse conjunto ganha troféu ou balde de cerveja. Cada equipe leva, em média, 70 pessoas. É uma concentração de amigos de Duque de Caxias, Bangu, Jacarepaguá, Pechincha, Cidade de Deus, Alemão, Jacaré, entre outros. Esses eventos servem para aproximar amigos que não se viam há muito tempo”, diz Thiago.

Neno D2 relembra que começou a ir ao baile quando tinha 14 anos. “Nós frequentávamos o baile ainda na adolescência, pedíamos para a mãe, e pegávamos a matinê no Bonsucesso Futebol Clube, no domingo, que acabava às 22h. Já na Maré, por volta dos anos 1990, participávamos do baile no CIEP Samora Machel, que só terminava quando a ‘poliçada’ chegava. Esse baile durou cerca de dez anos”, conta. Hoje há um roteiro de “*funk* das antigas”. As datas são combinadas para não baterem. Além da Nova Holanda, há festas nesse estilo na Baixa do Sapateiro, Morro do Timbau, Vila dos Pinheiros e Vila do João. “O pessoal vem para cá e vice-versa, quebramos a barreira. Compartilhamos o carinho e retribuimos visitando o outro. Nas festas, percebemos três gerações que se cria-



O grupo reunido na produção do último baile na NH

ram ouvindo esse *funk*. O morador traz a sua cadeirinha e vem. Nos eventos há pula-pula para a criançada e tira-gostos para todos”, fala Roy. Trazemos do bolso cerca de três mil reais, com gasto de equipe, bolo e fogos, mas estamos contentes. Os comerciantes estão chegando junto, e somos agradecidos. Qualquer ajuda é bem-vinda”, conclui Roy.

Próximas edições da festa :

04 de novembro, no Pontilhão, entre a Vila dos Pinheiros e o Morro do Timbau, com Mc Marcinho

11 de novembro, na Rua Sargento Silva Nunes, Nova Holanda.

Há vidas em suas veias

Apesar de campanhas, há poucos doadores de sangue. O ato salva muitas vidas

HÉLIO EUCLIDES

Ainda na infância, aprendemos que para salvar vidas é preciso ter capa, máscara, um uniforme colorido, ou seja, ser um super-herói. Na maturidade aprende-se que para salvar vidas não é preciso nada disso. Alguns minutos de disposição para sentar-se numa cadeira e realizar uma doação de sangue já é o suficiente. Próximo à Maré, existe o Banco de Sangue Pedro Clóvis Junqueira, localizado no Hospital Federal de Bonsucesso (HFB). Apesar da proximidade, poucos moradores realizam suas doações, o que deixa o espaço vazio.

No dia 11 de outubro, até às 11h, o banco de sangue só tinha coletado oito bolsas. “Isso é nada, tinha de ter acima de 30 bolsas. Precisamos da conscientização de todos, até do patrão, que por lei só libera o funcionário uma única vez ao ano e poderia fazer outras vezes por um ato de solidariedade”, diz **Clara Regina**, enfermeira. O banco de sangue está capacitado para receber 50 doações diárias, mas a média é de 10 doadores.

Essa situação pode mudar com o exemplo de algumas pessoas. “Há 20 anos virei doadora, porque um amigo do trabalho necessitou; desde então passei a doar. Meu sentimento é de

gratidão, tendo a oportunidade de ajudar o próximo. É uma alegria e satisfação de dever cumprido. Já consegui convencer as minhas três irmãs e minha cunhada, hoje todas são doadoras. Acredito que as pessoas deveriam ter mais consciência e amor ao próximo, saindo do comodismo e fazer sua doação regulamente”, afirma **Jacy Matias**, moradora do Morro do Timbau.

Sangue é vida

Para sensibilizar os futuros doadores, a assessora de comunicação do HFB lembra que o sangue é predominantemente usado em cirurgias do Hospital, de 40 especialidades, incluindo de baleados. Qualquer cirurgia, para ser realizada, precisa de uma bolsa de sangue. “É importante ter doadores fiéis. Não é para doar só quando tem um doente precisando. O nosso problema são os feriados, quando o estoque fica crítico. O Dia do Doador, 25 de novembro, é uma data estratégica para conseguir sangue no final do ano”, ressalta **Tânia Marques**, responsável técnica pelo banco de sangue. Ela lembra que o homem pode doar até quatro vezes, e a mulher até três vezes ao ano.

“Qualquer sangue é válido. Sangue é sangue. Não existe tipo específico que



Verônica Prearo, técnica de laboratório do Serviço de Hemoterapia do banco de sangue

precisamos, todos são necessários. Sangue é o transplante de um órgão líquido”, conta **Conceição Guedes**, técnica de enfermagem. **Regina Lúcia**, médica, revela que o banco não tem sangue disponível se acontecer uma tragédia. “Para mudar essa situação, precisamos acabar com mitos. Ressaltar que o sangue não engrossa e que a medula óssea trabalha direto, a renovação do sangue é imediata”, afirma. **João Neto**, biólogo, é ainda mais esclarecedor: “um órgão pode ser substituído por uma prótese, mas o sangue só pode ser substituído por ele mesmo”, resume.

A quantidade baixa de bolsas já alerta doadores. “Sempre fui doador para ajudar no *deficit* que existe”, expõe **Henrique Eduardo**, doador fiel do Hospital. O incentivo muitas vezes funciona. “Sou doador voluntário desde os 18 anos,

começou quando a faculdade pediu aos seus alunos, e continuei”, comenta **Yuri Pereira**, de 22 anos. Para muitos, nem a pouca idade é um empecilho para a doação. “Senti vontade de ajudar outras pessoas com meu sangue, então conversei com minha mãe, que aprovou e assinou a autorização”, exalta **Juliana Paula**, de 17 anos.

Doação: uma questão de mobilização

Muitas vezes, para atingir um objetivo é preciso um empurrãozinho. É isso que **Leonardo Borges**, educador físico da Clínica da Família Adib Jatene e do Centro Municipal de Saúde Vila do João, realiza com os alunos do projeto Academia Carioca. Ele leva alunos e agentes de saúde para doar sangue no HFB. “Começou como uma demanda da Secretaria Municipal de Saúde

numa disputa interna entre as academias cariocas, para saber qual é o professor que levaria mais pessoas para doar”, afirma.

A caravana de doadores começou com 17 doadores, na segunda já estiveram 22 presentes, e a terceira teve 29 voluntários. A última ficou na média com 23 doações. O grupo já pensa na quinta leva de doações, no final de novembro. Uma das descobertas dessas mobilizações foi que Leonardo também se tornou um doador. “Eu sempre tive muito medo da agulha, e cada um incentivou o outro. Só incomoda no início quando fura o braço, mas depois passa, os profissionais nos deixam calmos. Agora sinto satisfação de ajudar alguém, foi uma das melhores coisas que fiz”, conta.

Uma de suas alunas é **Valdenia Barroso**, moradora da Vila do João, que também sentiu a felicidade de ser doadora de sangue. “Eu tinha medo da agulha, depois vi que não dói e fiquei pensando na próxima. Me colocaram nessa, doeí duas vezes e gostei. É uma emoção poder ajudar alguém que precisa do nosso sangue. Recomendo a quem possa, que doe”, revela. Valdenia agora vai fazer uma cirurgia e começa a mobilizar outros a doarem para ela.

“É um ciclo, agora incentivo que outros doem para mim”, resume.

O centro de distribuição de sangue

O Hemorio é um hemocentro que distribui sangue para 180 hospitais públicos, incluindo grandes emergências, como a dos hospitais Getúlio Vargas, Souza Aguiar e Miguel Couto, maternidades, Unidades de Tratamento Intensivo Neonatais e conveniados com o Sistema Único de Saúde (SUS). No estado do Rio de Janeiro, apenas 0,98% da população doa sangue com regularidade. A Organização Mundial de Saúde orienta que entre 3 e 5% da população deve doar para que os estoques se mantenham sempre regulares. Cada bolsa de 500ml de sangue pode salvar quatro vidas.

O Hemorio lembra que o organismo repõe o volume de sangue doado no mesmo dia. A recomendação é beber bastante líquido, e não fazer esforços físicos. Destaca que o mais importante é compartilhar a experiência com amigos para que eles também se sintam motivados a doar sangue.

Além do sangue, há a doação de medula óssea

O Instituto Nacional de Câncer (INCA) coordena o registro nacional de doadores voluntários de medula óssea. O cadastro conta com mais de 4 milhões de inscritos. Com isso, a chance de se encontrar um doador compatível pode chegar a 64%. Para aumentar essa porcentagem é necessário acrescentar um número maior de doadores e fazer a atualização de cadastros.

O transplante de medula óssea é um tipo de tratamento proposto para algumas doenças que afetam as células do sangue, como as leucemias e os linfomas. Consiste na substituição de uma medula óssea doente, ou deficitária, por células normais da medula óssea, com o objetivo de reconstituição de uma nova medula saudável.

A medula óssea é um tecido líquido-gelatinoso que ocupa o interior dos ossos, sendo conhecido popularmente por “tutano”. Ela desempenha um pa-

pel fundamental no desenvolvimento das células sanguíneas, pois é lá que são produzidos os leucócitos, que são os glóbulos brancos; as hemácias, que são os glóbulos vermelhos; e as plaquetas. Essas são as células substituídas no transplante de medula.

A coleta de células para o transplante pode ser feita por meio de uma pequena cirurgia, sob anestesia geral, de aproximadamente 90 minutos, na qual são realizadas de quatro a oito punções com agulhas nos ossos da bacia, para que seja aspirada parte da medula. Retira-se um volume de medula de 15ml por quilo de peso do doador. Essa retirada não causa qualquer comprometimento à saúde do doador, que recebe alta no dia seguinte ao procedimento. A medula se recompõe em 15 dias, sem nenhum prejuízo à saúde.

No momento, o Hemorio não está fazendo o cadastro para doação de medula, mas no Instituto Nacional de Câncer (INCA) se faz a coleta de sangue e o cadastramento de doadores voluntários.

ONDE DOAR SANGUE:

Banco de Sangue Pedro Clóvis Junqueira

Av. Londres 616 - Bonsucesso

Telefone: 3977-9500

De segunda a sexta, das 8h às 12h

Hemorio

Rua Frei Caneca, 8 – Centro

Disque-Sangue: 0800 282 0708

Todos os dias, das 7h às 18h

ONDE DOAR MEDULA ÓSSEA:

INCA

Praça Cruz Vermelha, 23 - 2º Andar - Centro

Telefone: 3207-1580

De segunda a sexta-feira, das 8h às 12h

Não é necessário agendamento.

ELISÂNGELA LEITE



Leonardo Borges levou a aluna Valdenia Barroso para doar

Da Linha Amarela para a sala de aula: o combate ao trabalho infantil na Maré

JOÃO KER

De acordo com dados divulgados pela Rede Peteca, em outubro, 2,7 milhões de crianças e adolescentes brasileiros, entre 5 e 17 anos, fazem parte do mercado de trabalho no País. Desses, 71.261 estão no Estado do Rio de Janeiro, onde 97% de “empregos” vêm de áreas urbanas, o que torna o Rio no estado brasileiro de maior incidência nesse recorte. Para quem passa pelo entorno da Maré, na Linha Amarela, os dados não são nenhuma surpresa: por ali, menores de idade se revezam entre os carros e ônibus enquanto tentam vender balas, água, biscoitos, pipoca ou, simplesmente, conseguir umas moedas no trânsito. E é para esses jovens que o Projeto Integração Maré, criado em 2014, procura levar uma alternativa de vida, unindo diferentes grupos e instituições para que a educação e o

desenvolvimento dessas pessoas não fiquem em segundo plano.

Criança não deve trabalhar, lugar de criança é na escola. De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), a “proteção da infância e garantia de seus direitos” deveria ser prioridade máxima do governo e seus representantes. Mas, pelos números mostrados acima, o retrato é outro: com 40% das crianças brasileiras vivendo em situação de miséria, não são raros os casos em que um menor de idade se vê na obrigação de abandonar os estudos, amadurecer antes da hora e ajudar no sustento da casa de um jeito ou de outro.

De acordo com o Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS), um dos órgãos protagonistas no enfrentamento desse problema na Maré, um dos principais desafios no com-

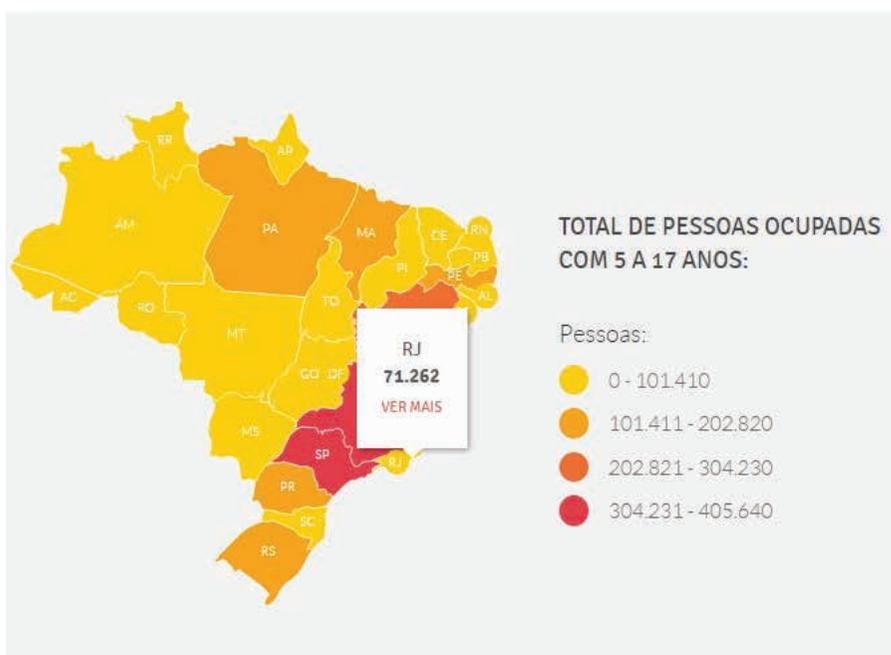
bate ao trabalho infantil é a própria mentalidade do brasileiro sobre o tema. “O retorno que recebemos de nossos agentes, que estão constantemente nas ruas, é que isso tem sido culturalmente aceito pela sociedade, em muitos casos como reflexo de alguns mitos, como o de que ‘é melhor criança trabalhando do que na rua roubando’, ‘quem começa a trabalhar cedo garante o futuro’, e por aí vai. Na verdade, o que a realidade nos mostra é que o trabalho infantil não afasta da criminalidade, sendo muitas vezes o caminho inicial para a prática desses delitos”, explica a assessora de imprensa do CREAS.

Quem também enfrenta a supremacia de tal “conhecimento popular” sobre o trabalho infantil é **Eufrásia Souza**, que há 22 anos trabalha na Coordenadoria de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente, na Defensoria Pública: “as pessoas falam que ‘é melhor criança trabalhando que na rua’ como se elas só pudessem ter essas duas opções na vida. O trabalho infantil é uma violação de direitos e não pode ser uma questão banalizada, como era antigamente”. Como ela reforça, “é imprescindível que o jovem menor de idade tenha acesso à educação para que seu desenvolvimento como adulto ocorra de forma saudável”.

“Temos o planejamento de uma série de ações em parceria com psicólogos, assistentes sociais e o programa

de Jovem Aprendiz do Instituto Brasileiro Pró-Educação, Trabalho e Desenvolvimento (ISBET), tentando criar uma sensibilização para que os empresários recebam essa população das favelas em suas Companhias. Precisamos pensar muito por que essas crianças estão trabalhando e de onde vem isso”, explica **Inês Cristina Di Mare Salles**, que lidera o programa “Nenhum a Menos”, da Redes da Maré, e também representa a ONG no Projeto Integração. Para ela, há inúmeros preconceitos que essas crianças e adolescentes em situação de trabalho irregular – engraxates, vendedores de bala, etc. – sofrem na sociedade, o que dificulta ainda mais a melhoria de vida delas. “Quando as pessoas veem um menino vendendo ou pedindo alguma coisa, a tendência geral é de marginalizar.

Nesse momento atual do País, temos um pensamento preconceituoso sendo divulgado, então precisamos mostrar outras formas de compreender esse fenômeno”, reforça. A origem do problema, ela lembra, vem desde os primórdios do Brasil escravocrata. “Precisamos lembrar que isso é fruto do nosso processo histórico e mostrar para a população que a favela tem uma história. Ninguém quer pedir dinheiro, cometer um delito ou morar em um lugar sem condições. Isso tudo vem de uma lógica exploradora. Essa pobreza e essa desigualdade social têm cor, etnia e gênero”, explica.



Mapa do trabalho infantil no Brasil, liberado pela Rede Peteca em outubro deste ano

FÁBIO CAFFÉ



No caótico trânsito do Rio, diariamente, é fácil encontrar crianças trabalhando

O trabalho infantil é uma forma de continuar perpetuando o aprisionamento de pessoas com baixa renda às margens da sociedade. “Ele interfere no rendimento escolar e, em muitos casos, contribui para a evasão, não permitindo à criança um futuro melhor. O desafio é a criação de ‘atrativos’ que venham atender a necessidade da família, sobretudo, da criança e do adolescente nas suas particularidades. E é nisso que a Secretaria Municipal de Assistência Social e Direitos Humanos vem tentando trabalhar”, afirma o **CREAS**.

Uma das saídas que o Projeto Integração Maré encontrou para esses jovens é a inserção no Programa Jovem Aprendiz, no qual eles são obrigados a manter uma frequência escolar para conseguirem um estágio remunerado. A outra é por meio dos projetos de extensão do Fundão, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. “A nossa ideia não é tirar esses meninos daqui, mas integrá-los em atividades que já existem e que eles mesmos

mostrem interesse”, conta **Rosana Morgado**, professora da Escola de Serviço Social da UFRJ.

O fato de Rosana se referir aos jovens atendidos como “meninos” não é mera coincidência. De acordo com dados que vêm sendo levantados pela própria Universidade há mais de um ano, as crianças e adolescentes mais presentes no trabalho infantil do Fundão são do sexo masculino, moradores da Maré entre 13 e 19 anos, e com algum tipo de núcleo familiar.

Enquanto estão vagando pelo *campus*, esses jovens são abordados por agentes da Escola de Serviço Social e, com algumas conversas, são apresentados aos programas de extensão oferecidos por ali. “O objetivo é que eles mesmos se interessem por essas atividades culturais, não que sejam forçados a escolher entre uma e outra”, conta Rosana, citando o “Universidade das Quebradas”, da Escola de Letras, como um dos programas preferidos entre os jovens.

A grande maioria desses

“
A maioria das crianças que trabalha está apenas sob responsabilidade da mãe, tanto para o sustento quanto para a educação. Se o pai desse algum apoio financeiro, a criança não precisaria trabalhar.”

EUFRÁSIA SOUZA

menores de idade vive em situações econômicas precárias, em que a falta de renda familiar não pode ser simplesmente ignorada; é preciso que haja não só uma atividade atraente para que eles abandonem a rua, mas também uma forma eficaz

de complementar a renda de casa sem prejudicar os estudos. “Por meio de uma escuta profissional, a família é orientada sobre o assunto, para que se construa um plano de acompanhamento, sempre buscando superar esta situação.

A partir disso, os dados entram no Cadastro Único do Governo Federal, para que ela seja beneficiada em programas sociais como Bolsa Família, Tarifa Social de energia elétrica, isenção em concurso público, Programa Minha Casa Minha Vida, além de a criança ou adolescente também ser inserido no Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos oferecido pelo Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), cujas atividades são realizadas fora do horário escolar.

Pelo **Disk 129**, famílias em situações vulneráveis podem encontrar ajuda legal para acessarem esses serviços, desde a regulamentação da documentação necessária até o próprio ato de inscrição. Há ainda o enfretamento de outro problema latente no trabalho infantil: o abandono que esses núcleos familiares sofrem por parte de uma figura paterna. “A realidade que a gente vê é essa: a maioria das crianças que trabalha está apenas sob responsabilidade da mãe, tanto para o sustento quanto para a educação. Se o pai desse algum apoio financeiro, a criança não precisaria trabalhar. É aí que o nosso Núcleo de Atendimento entra com uma ação contra esse homem que não paga a pensão, orientando a mãe e, muitas vezes, chegando a investigar a paternidade da criança, quando necessário”, explica Eufrásia Souza.

20 de novembro: precisamos chamar a atenção para o extermínio de jovens negros

JORGE MELO

Durante muito tempo, até os anos 1970, comemorou-se no 13 de maio a *Libertação dos Escravos*, data em que a princesa Isabel assinou a Lei Áurea. Isabel era lembrada até então como a *Redentora*. No entanto, com o surgimento dos movimentos negros e as pesquisas históricas ficou claro que a Lei Áurea não foi um gesto de bondade, mas fruto de um processo de lutas dos escravizados e de parte da sociedade. Fixou-se, então, a imagem de Zumbi, o último dos líderes do Quilombo do Palmares, uma das primeiras e a mais importante experiência de luta organizada dos negros pela liberdade no

Brasil. Assim, foi criado *O Dia da Consciência Negra*. Além da luta dos negros, o que acabou mesmo com a escravidão brasileira foi o avanço do capitalismo internacional, que queria gente capaz de comprar produtos, consumir - coisas que os escravos não faziam. Nada de achar que a princesa Isabel era boazinha.

O Quilombo dos Palmares resistiu a ferro e fogo por mais de 80 anos. Em 1694, foi completamente destruído por uma milícia comandada por bandeirantes paulistas, contratados pelos senhores de terras de Pernambuco. Palmares tinha então cerca de 20 mil habitantes. Depois de Palmares, embora os qui-

lombos tenham se espalhado por todas as regiões do Brasil, nenhum teve a mesma força e organização. E apesar da luta permanente dos escravizados pela liberdade, o Brasil foi um dos últimos países do mundo a acabar com a escravidão, em 1888. Esse período tão longo deixou feridas abertas na nossa sociedade e alimentou o racismo, o preconceito e a desigualdade social.

O sociólogo **Jessé Souza**, que pesquisa as causas da desigualdade no Brasil, afirma que a chave para entender o racismo é a herança da escravidão. Fazendo as contas, temos apenas 129 anos sem sermos escravizados. É pouco tempo para apagar mar-

cas tão profundas. A partir dessa constatação é possível entender que certos comportamentos e atitudes que registramos hoje são reflexo de um outro tempo, que embora pareça distante está mais presente que nunca.

No livro *A Elite do Atraso - da Escravidão à Lava Jato*, lançado recentemente, Jessé de Souza diz que a escravidão, enquanto existiu, até 1888, era a instituição que influenciava todas as outras. Ou seja, justiça, polícia, negócios, educação, comércio e, até mesmo, o contato entre as pessoas que não eram escravas, afinal era um sistema econômico perverso, mas um sistema econômico que regia a vidas de todos. Um exemplo: mesmo quem não tinha muito dinheiro - os chamados "escravos de ganho" - viviam em relativa liberdade e, em troca, pagavam uma taxa diária ou semanal ao seu "senhor". Muitos "escravos de ganho" juntaram o suficiente para comprar a carta de Alforria. Mas, ao mesmo tempo, ficaram sem recursos para começar a nova vida. Da mesma forma, eram as "escravas de ganho" que, em geral, vendiam quitutes pelas ruas da cidade, uma tradição que se mantém até os dias de hoje.

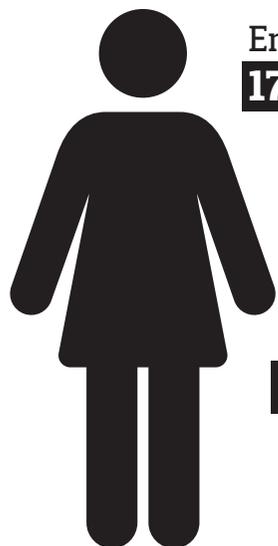
Herança incômoda

Essa herança de uma sociedade que estava dividida entre quem tudo pode e quem não tem direito algum não foi apagada. Basta lembrar as condições de trabalho das empregadas domésticas

AF RODRIGUES



É comum e muitas vezes desrespeitosa a abordagem policial em negros, pobres e favelados que são detidos sem justificativa



Em 2014, **10% das mulheres brancas** eram domésticas. **17% eram negras.**

Jovens negros de baixa escolaridade são as principais vítimas de mortes violentas no País

A população negra corresponde à maioria, **78,9%, dos 10% dos indivíduos com mais chances de serem vítimas de homicídios.**

De cada 100 pessoas assassinadas no Brasil, **71 são negras.**

Em relação às **mulheres**, enquanto a mortalidade de não negras (brancas, amarelas e indígenas) caiu 7,4%, **entre as mulheres negras o índice subiu 22%.**



Dados: Ministério do Trabalho e Previdência Social e Atlas da Violência 2017

até bem pouco tempo e a famosa Proposta de Emenda à Constituição, *PEC das domésticas*, que deu direitos trabalhistas integrais a essas profissionais, mas gerou muita polêmica e enfrentou muitas resistências.

Se o sistema é ruim para as empregadas domésticas, ele é ainda pior para as trabalhadoras domésticas negras. Elas são maioria, têm escolaridade menor e ganham menos. Em 2014, 10% das mulheres brancas eram domésticas, índice que chegava a 17% entre as negras, segundo dados do Ministério do Trabalho e Previdência Social.

Entre as heranças do escravismo estão o preconceito e a discriminação, presentes nos padrões de beleza, na publicidade, nas palavras e expressões como “denegrir”, “a coisa tá preta”, entre outras; nos quartos de empregada, nos elevadores de serviço, nos uniformes das babás, no comportamento dos seguranças com os negros, mesmo de classe média; nas *blitzes* policiais, nas ações das PMs nas favelas.

O Atlas da Violência 2017 mostra que jovens negros de baixa escolaridade são as principais vítimas de mortes violentas no País. A popu-

lação negra corresponde à maioria, 78,9%, dos 10% dos indivíduos com mais chances de serem vítimas de homicídios. De cada 100 pessoas assassinadas no Brasil, 71 são negras. Em relação às mulheres, enquanto a mortalidade de não negras (brancas, amarelas e indígenas) caiu 7,4%, entre 2005 e 2015, entre as mulheres negras o índice subiu 22%.

Exército e Polícia

Segundo o antropólogo **Luiz Eduardo Soares**, um estudioso da questão da Segurança, com vários livros sobre o tema, “a tendência é que os militares ajam como se estivessem em guerra e atuem com força extrema, identificando o *outro* como inimigo a ser abatido e é justamente pelo fato de as polícias militares estarem atuando como réplicas do Exército, em desvio de função, que nossa situação é tão dramática, é por isso que há mais de seis mortes provocadas por ações policiais, no País, todos os dias, e é também por esse motivo que tantos policiais são assassinados – em números crescentes. No fundo, é como se o Brasil, e o Rio em particular, estivessem abdicando de promover

a segurança cidadã, tal como determinado pela Constituição, e se rendessem à Força, exclusivamente, em especial à força letal dos braços repressivos do Estado”. Ainda segundo o antropólogo, “dos cerca de 60 mil homicídios dolosos ocorridos por ano no Brasil apenas 8% são investigados. Por investigados, quero dizer: eles são acolhidos pelo Ministério Público e considerados suficientemente instruídos a ponto de que se formule uma denúncia que passe à Justiça, dando início a um processo”. Ou seja: 92% destes crimes permanecem inteiramente impunes.

A farsa da abolição da escravatura

A escravidão chegou ao fim em 1888 apenas no papel, pois na prática foi criado o cidadão de segunda classe: sem direitos, sem garantias, sem educação formal. Boa parte permaneceu com os antigos “senhores”, trabalhando em troca de casa e comida.

Houve exceções, uns poucos tinham uma especialidade: pedreiro, sapateiro, marceneiro, ourives, alfaiate, músico. Esses foram beneficiados. A massa, no entanto, tinha apenas as mãos para ganhar a vida e nenhum tipo

de apoio. Como negociar com o empregador nessas condições extremamente adversas? Que margem de manobra tinha uma pessoa nessas condições? O negro foi aceito para fazer o trabalho que os brancos não consideravam adequados para eles. Data daí o surgimento das primeiras favelas, em áreas de difícil acesso, como morros e mangues. A desigualdade é a herança do escravismo. Na Lei Áurea não havia reforma agrária nem reforma urbana, nem um único programa de formação de mão de obra. As primeiras leis de proteção ao trabalhador, por exemplo, só surgiram com Getúlio Vargas, que assinou a CLT - Consolidação das Leis do Trabalho, em 1º de maio de 1943.

LEITURAS SUGERIDAS:

- ☑ **A elite do atraso** – da escravidão à lava jato – Jessé de Souza, Editora Leya, 2017
Rio de Janeiro, histórias de vida e morte – Luiz Eduardo Soares, Companhia das Letras, 2015
- ☑ **Flores, votos e balas** – Angela Alonso, Companhia das Letras, 2017 (sobre a escravidão)
- ☑ **De olho em Zumbi dos Palmares** – história, símbolos e memória social, Flávio dos Santos Gomes, Companhia das Letras, 2011
- ☑ **A Ocupação da Maré pelo Exército Brasileiro** – Percepção dos moradores sobre a ocupação das Forças Armadas na Maré – Redes da Maré, 2017
- ☑ **Atlas da Violência** – IPEA e Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2017
Geledés Instituto da Mulher Negra (www.geledes.org.br)

O racismo disfarçado de intolerância religiosa

Entre agosto e outubro, 42 denúncias contra casas e praticantes de umbanda e candomblé no Rio

JOÃO KER

Santos, orixás, espíritos, entidades, deuses e ancestrais. Como “Estado laico”, o Brasil, em tese, deveria respeitar a manifestação de todo e qualquer tipo de fé, seja ela praticada em igrejas, mesquitas ou em terreiros. Ainda assim, num País onde 86,8% da população se declara cristã, de acordo com o IBGE, os casos de intolerância religiosa chegaram a 697 denúncias apenas entre 2011 e 2015. No Rio, esse índice já cresceu 119% no ano passado, com um enorme agravante: a maioria dos casos ocorre contra religiões de matriz africana, provando que mesmo 130 anos após o fim da escravidão, o racismo continua fazendo vítimas pelo País.

“Nos últimos meses, observamos um aumento considerável no número de casos de intolerância religiosa no Estado, principalmente contra seguidores e casas de umbanda e candomblé. Apenas entre agosto e outubro, já foram 42 denúncias, cerca de uma a cada dois dias”, admite **Monalyza Alves**, assessora técnica da Subsecretaria de Direitos Humanos, Justiça e Cidadania do Rio de Janeiro. Para ela, a mais alarmante semelhança entre esses números são os requintes de crueldade em cada ato, que atinge desde crianças em sala de aula até idosos praticantes.

No total, 91% dos casos de intolerância registrados no Rio são contra religiões como

a umbanda e o candomblé, que historicamente já representam uma resistência da população afrodescendente desde que nasceram no Brasil. “Claramente, esse número reflete um racismo que está impregnado na sociedade. E, assim como ele, o preconceito religioso também tem sua origem na colonização do País”, afirma Monalyza.

Apesar das inúmeras vertentes e particularidades, duas religiões de matriz africana são as mais presentes por aqui: o Candomblé e a Umbanda. Trazido ao Brasil pelo intenso fluxo de escravos africanos entre os séculos XVI e XIX, o candomblé desembarcou no País sob o preconceito de “feitiçaria”, uma vez que o

Cristianismo vigente na época não tolerava suas divindades (a religião dos povos indígenas passou pelo mesmo processo, vale lembrar). Para que a população afrodescendente pudesse prosseguir com os cultos, os orixás foram se misturando aos santos da Igreja Católica e o sincretismo que surgiu foi sendo praticado em terreiros fechados e escondidos. Mais tarde, durante a década de 1920, a umbanda se desenvolveu no Rio de Janeiro, mesclando uma série de referências como o kardecismo espírita, o cristianismo, a cabula e o próprio candomblé.

Mas se antes a repressão vinha pelas mãos dos senhores da Casa Grande, hoje o preconceito se manifesta até entre os traficantes das periferias cariocas. Em setembro, um vídeo no qual um dos líderes do tráfico de Nova Iguaçu obriga uma Ialorixá (conhecida popularmente como mãe de santo) a destruir seu próprio terreiro viralizou, expondo em nível nacional um problema que não mostra sinais de diminuição. O homem foi preso, mas ainda assim o discurso preconceituoso persiste.

“Nós já levamos a questão às Polícias Militar e Civil para que as medidas cabíveis sejam tomadas. Mas ainda temos um longo caminho para percorrer”, explica Monalyza. Dentre as medidas de prevenção, mapeamento e oposição a esses crimes, ela cita a importância do **Disque Combate ao Preconceito (2334 - 9551)**, que também atende vítimas de LGBTfobia e racismo. Além

ELISÂNGELA LEITE



Manifestantes foram às ruas de Copacabana para dizer não a intolerância religiosa. O Ato reuniu praticantes de todas as religiões

disso, foi aprovada pelo governador Luiz Fernando Pezão (PMDB) a criação da Delegacia de Crimes Raciais e Delitos de Intolerância (DECRADI), ainda em processo de implantação. “Ela será uma ferramenta importante na luta contra esses casos”, afirma a assessora.

Enquanto a Delegacia não fica pronta, o sentimento geral que invade os praticantes de religiões africanas no Rio é o medo ou a descrença de que este quadro melhore. “Não vejo uma luz no fim do túnel para isso e nem como mudar essa situação. Até hoje as nossas religiões ainda são vistas como ‘negativas’ ou ‘demoníacas’, da mesma forma que acontecia quando elas surgiram”, explica a estudante **Victoria Régia**, praticante de candomblé. “É muito bizarro sentir que os cristãos tentam enquadrar a minha religião no padrão deles, como se fosse uma imposição necessária. Não tem nada a ver uma coisa com a outra, são duas formas de trabalhar a fé completamente diferentes”, reclama.

Para ela, o crescimento desses crimes de intolerância no último ano pode ser diretamente relacionado a figuras como o bispo Marcelo Crivella (PRB) na Prefeitura da capital fluminense. “A imagem dele está completamente vinculada ao protestantismo, que tem um enorme histórico de perseguição às religiões de matriz africana. Esse não é um governo onde eu e meus irmãos de fé conseguimos nos sentir seguros. Na verdade, eu diria que a situação até piorou com ele”, rebate a estudante. A apreensão não é para menos. Ainda em outubro, a Câmara dos Vereadores do Rio de Janeiro realizou um verdadeiro culto evangélico em seu interior, com direito a músicas

gospel e mãos dadas entre os políticos, todos liderados pelo vereador e também bispo **Inaldo da Silva** (PRB), colega de Partido do prefeito.

Mas se depender do povo carioca, ainda haverá resistência. Um mês antes do culto no plenário, mais de duas mil pessoas já haviam lotado a Avenida Atlântica, em Copacabana, em uma marcha a favor da livre expressão da fé. O evento, batizado de “*Caminhada em Defesa da Liberdade Religiosa*”, foi promovido pela Comissão de Combate à Intolerância Religiosa (CCIR) e, mais do que crenças africanas, reuniu também judeus, islâmicos, budistas, cristãos e até wiccans. O objetivo foi mostrar que, independente do credo, é possível conviver de maneira pacífica em sociedade. “O momento foi lindo, porque mostrou que ainda temos alguns aliados. Pessoas que estão dentro dessas outras religiões e que não nos olham de forma pejorativa”- declara Victoria, que foi à marcha acompanhada do amigo Victor Soriano.

Representante da CCIR, o **Babalowô Ivanir dos Santos**, um dos organizadores da Caminhada, explica que o momento não é de baixar a guarda e, sim, de continuar lutando: “devemos exigir que esses casos de intolerância religiosa e racismo sejam apurados com a máxima urgência possível.”

A preocupação é reverberada pela Secretaria Estadual de Direitos Humanos, que insiste em combater os casos de todas as formas, auxiliando sempre que possível quem sofre com esses crimes. “Nós oferecemos assistência jurídica, psicológica e social para as vítimas. E, além do Disque Combate ao Preconceito, a Secretaria está em constante contato com associações religiosas e com os



Pessoas de diversas religiões participaram da caminhada em Copacabana no dia 17 de setembro

órgãos de Segurança para mapear esse tipo de ocorrência e atuar para que esses agressores sejam punidos”, alega a assessora.

O meio mais significativo nesse combate, Monalyza reafirma, é a denúncia. Apenas por meio dela é que os dados reais poderão ser coletados e, assim, a urgência desse quadro ser levada a um patamar nacional. “Muitas pessoas deixam de denunciar, por não acreditarem em uma punição ou por medo de represálias. Isso dificulta que consigamos ter um retrato real da intolerância no estado. Por isso, reforçamos sempre a importância da denúncia como delito de preconceito religioso”, explica.

Questionada pelo Maré de Notícias, a Prefeitura do Rio disse que “a Secretaria Municipal de Assistência Social e Direitos Humanos, através da Subsecretaria de Direitos Humanos e das Coordenadorias de Respeito à Diversidade Religiosa (CRDR) e de Igualdade Racial, tem se manifestado de forma contundente contra toda forma de preconceito religioso e racial, repudiando atos de violência e agressões.”

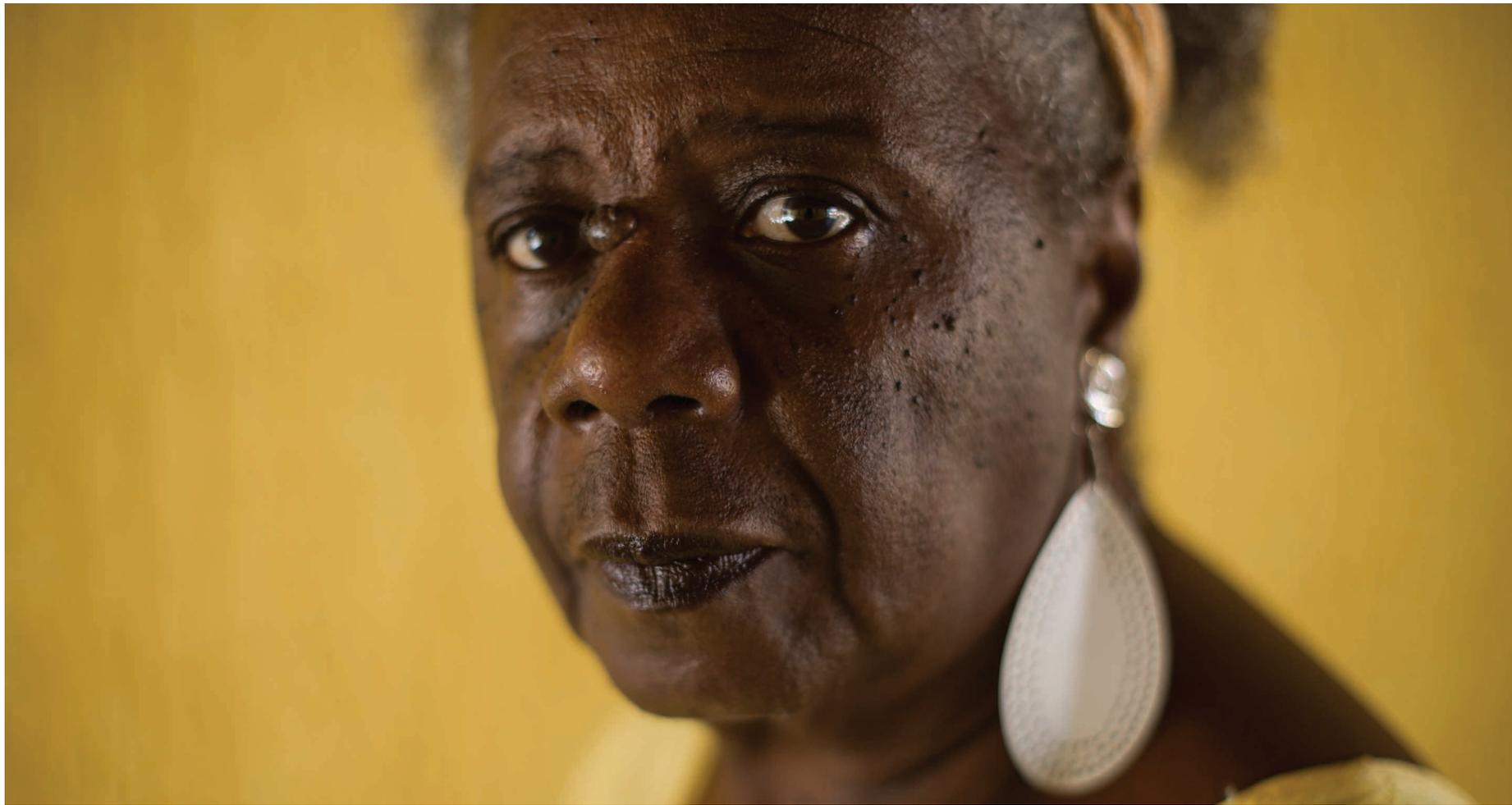
“É muito bizarro sentir que os cristãos tentam enquadrar a minha religião no padrão deles, como se fosse uma imposição necessária. Não tem nada a ver uma coisa com a outra, são duas formas de trabalhar a fé completamente diferentes.”

VICTORIA RÉGIA

ONDE DENUNCIAR:



Disque Combate ao Preconceito (2334 - 9551), que também atende vítimas de LGBTfobia



“Minha escrevivência vem do cotidiano dessa cidade que me acolheu há mais de 20 anos e das lembranças que ainda guardo da minha”. Conceição Evaristo

Na Maré a arte tem liberdade de ser arte

DANIELE MOURA

Pode entrar. Por aqui, arte, na Favela da Maré, você tem espaço. Em tempos de censura à arte, inconstitucional vale destacar, em alguns museus de capitais brasileiras, a Maré, com liberdade, abre as portas de seus espaços culturais para receber duas grandes exposições em homenagem ao Dia da Consciência Negra. A vida da escritora, professora de escola pública e ativista do movimento negro, Conceição Evaristo, é apresentada ao público do Rio de Janeiro até o dia 10 de dezembro, no Centro de Artes da Maré. São textos, manuscritos de cartas e poemas que fazem o visitante viajar para a favela mineira em que a escritora cresceu. Graças à sua mãe, a lavadeira

Joana Josefina Evaristo Vitorino, Conceição cresceu rodeada de palavras. A matriarca, inspirada em Carolina Maria de Jesus, escrevia em cadernos recolhidos nas ruas, os pensamentos sobre o dia a dia, as dificuldades da vida na favela, poemas e frases soltas. Uma inspiração e tanto para uma criança curiosa.

Conceição, que nasceu numa favela da Zona Sul de Belo Horizonte, vem de uma família muito pobre de 9 irmãos. Desde muito cedo, teve de conciliar os estudos trabalhando como empregada doméstica, até concluir o curso Normal (magistério), em 1971, já aos 25 anos. Mudou-se então para o Rio de Janeiro, onde lecionou em escolas públicas de favelas e

periferias, além de estudar Letras na UFRJ. Nos anos 1980, entrou para o movimento negro e, em 1990, estreou na literatura, com obras publicadas na série Cadernos Negros. A escritora é doutora em Literatura pela Universidade Federal Fluminense. Suas obras abordam temas como a discriminação racial, de gênero e de classe e já foram traduzidas para o inglês. Uma referência de mulher negra brasileira de periferia.

O trabalho educativo

Na Exposição, exemplares de publicações reconhecidas, como “Ponciá Vicêncio”, seu primeiro romance, “Becos da Memória”, “Poemas da Recordação” e “Outros Movimentos” e os livros de contos “Insubmissas Lágrimas

de Mulheres”, “Olhos d’Água” e “Histórias de Leves Enganos e Parecenças”, estão à disposição do visitante de todas as idades, incluindo estudantes que também podem participar de atividades educativas. **Ian Alex dos Santos**, de 10 anos, ficou feliz em saber que há uma referência negra na literatura. “Eu acho bom saber que é possível uma pessoa negra estar escrevendo e ser famosa. Eu achei muito legal”. Já **Mateus** disse que saiu mais sabido da Exposição. “Aprendi sobre racismo para não ficar zoando os outros por cauda da cor. Não leva a nada”, disse o menino.

Três vídeos foram produzidos especialmente para a Mostra. Um deles traz imagens de Conceição Evaristo em diferentes situações,

DOUGLAS LOPES



Pâmela Carvalho com um grupo de estudante no trabalho educativo da Exposição

com a voz da autora declamado trechos de suas obras e falando sobre a sua vida. Outro, registra a leitura feita por ela de trechos do livro “Becos da Memória”, explicando o contexto em que o livro foi criado. O último tem depoimentos de professoras e alunas de escolas do Rio de Janeiro sobre a literatura da escritora mineira.

A professora da Rede Municipal de Ensino, **Bruna Bastos**, levou sua turma para conhecer a Exposição. “Eles amaram, eu também. Me emocionei com o poema que ela faz referência à avó. A gente sempre pode ter exemplos de gerações mais antigas para melhorarmos. Falo isso muito para meus alunos. Sempre é possível.”

Pamela Carvalho, que trabalhou por dois anos no MAR, Museu de Arte do Rio, está agora no educativo desta Exposição na Maré. “A coisa mais importante é estar nesse território, estamos na favela da Nova Holanda falando de uma mulher negra, potente, que pode ser a referência de identificação para muitas crianças daqui. Eu nasci na favela, cresci na favela, não me lembro de ter sabido de uma Exposição como essa acontecendo em territórios de favela no Rio. Essa história que estou vivendo é um marco na existência dessas crianças e das pessoas que por aqui moram”-

completou.

A Mostra transpira as “escrivências” de Conceição, como ela mesma se refere ao seu trabalho – uma escrita que nasce das vivências, vivendo para narrar, narrando o que vive. Toda a sua obra é permeada por questões raciais, de gênero e de classe, explorando, sobretudo, a condição e a complexidade da mulher negra. Seus romances, contos e poemas revelam a condição dos negros no Brasil, e podem ser considerados como grandes ferramentas na luta contra o racismo e o machismo, tão presentes na sociedade. “Minha escrivência vem do cotidiano dessa cidade que me acolheu há mais de 20 anos e das lembranças que ainda guardo da minha”, diz a escritora, que hoje mora no Rio.

A poucos passos dali, também é possível refletir sobre machismo e racismo. No galpão Bela Maré, a Mostra “Diálogos Ausentes”, em parceria com o Observatório de Favelas, apresenta obras de 17 artistas negros brasileiros das artes visuais, cênicas e do audiovisual, entre individuais e coletivos, como André Novais, Eneida Sanches, Dalton Paula e Coletivo Negras Autoras.

A Exposição trata das questões raciais traduzidas em objetos, instalações, vídeo-performances, fotografias, esculturas e pro-

jeções, e foi fruto de uma série de encontros realizados durante este ano e o ano passado, com o objetivo de analisar a representação dos negros nos diversos segmentos artísticos e expressões culturais. No Rio, a edição desta Mostra conta com obras que não foram vistas em São Paulo, de Eustáquio Neves, Heberth Sobral e Gessica Justino – esta última é carioca, como Yasmin Thayná e Aline Motta também com trabalhos ali presentes. A curadoria da Mostra Diálogos Ausentes é de Rosana Paulino e Diane Lima.

Tanto a Mostra do Centro de

Artes, quanto a do Observatório de Favelas passaram pelo Itaú Cultural em São Paulo e vieram, especialmente, para a Maré. São mais de 300 visitantes por semana que os dois centros culturais estão recebendo nas Mostras. “Tem sido muito significativo, a gente não tem registro na cidade de exposições com obras feitas por artistas negros, falando para o negro sobre questões que envolvem o negro de favela. A única é esta aqui, e é um assunto que precisa cada vez mais ser falado”, disse **Michele Barros**, educadora do Galpão Bela Maré.

SERVIÇOS:

Exposição ‘Conceição Evaristo’

Até 10 de dezembro. De segunda a sexta, das 9h às 21h (educativo até às 17h). Sábados, das 9h às 13h

Agendamento: centrodeartesdaclare@gmail.com

Telefone: 3105 7265

Centro de Artes da Maré - Rua Bittencourt Sampaio, 181 - Nova Holanda, Maré

Entrada gratuita

‘Mostra Diálogos Ausentes’

Classificação indicativa: 14 anos

Até 10 de dezembro. De terça a domingo, das 10h às 19h

Galpão Bela Maré - Rua Bittencourt Sampaio, 169, Maré (entre as passarelas 9 e 10 da Avenida Brasil)

Agendamento: educativo.belamare@observatoriodefavelas.org.br

Entrada gratuita



Visitantes na Mostra Diálogos Ausentes no Galpão Bela Maré

CONJUNTO ESPERANÇA**Bar do Grande**

Desde roda de samba, pagode “retrô”, banda ao vivo com todos os ritmos e intervalo com DJs da casa.

Quando – todos os dias.

Horário – a partir das 22h

Localização – Rua Manoel Ribeiro Vasconcelos, 322

MORRO DO TIMBAU**Dogueria Resenha**

Há menos de um ano aberto como um Food Truck carioca, especializado em hot dog artesanal, já aparece como um dos espaços mais “bombados” do momento, com pelo menos três eventos semanais.

Quando – sextas, sábados e domingos

Horário – a partir das 22h

Localização – Avenida Guilherme Maxwel, 95

NOVA HOLANDA**Baile Funk da NH**

Quando – sábados

Horário – a partir das 22h

Localização – Rua Teixeira Ribeiro – alguns eventos acontecem no Campo da Paty

Quadra do Gato de Bonsucesso

Fora as atividades carnavalescas, a quadra da Escola de Samba do Gato de Bonsucesso realiza toda semana a roda de samba do Tapa na Peteca.

Quando – domingos

Horário – a partir das 18h

Localização – Rua São Jorge

Pagofunk da BT

Abre a semana de eventos na Nova Holanda, e acontece na rua que dá nome à festa.

Quando – quintas

Horário – a partir das 22h

Localização – Rua Bitencourt Sampaio

Galpão Bela Maré

RUA BITTENCOURT SAMPAIO, Nº 169, NOVA HOLANDA, MARÉ

TELEFONE: (21) 3105-1148

facebook.com/galpaobelamare

05/11 (domingo)

StoryBoard

Explicação sobre o que é um Storyboard

Horário – 15h

11/11 (sábado)

Encontro com Multiplicadores

Curtas sobre a temática racial + bate-papo.

Horário – 15h

12/11 (domingo)

[Con]Fabulário

Propor que cada pessoa crie uma estória utilizando a imagem como referência e use desde elementos reais do cotidiano, quanto ideias do imaginário.

Horário – 15h

19/11 (domingo)

CineBela

Curtas sobre a temática racial + bate-papo.

Horário – 15h

26/11 (domingo)

O visível do invisível

A atividade baseia-se na discussão sobre a cor, o outro e seus lugares de visibilidade e invisibilidade, tratando dos campos artístico e sociopolítico.

Horário – 15h

‘Mostra Diálogos Ausentes’

Classificação indicativa: 14 anos
Até 10 de dezembro. De terça a domingo, das 10h às 19h

CAM: Centro de Artes da Maré

RUA BITTENCOURT SAMPAIO, Nº 181, NOVA HOLANDA, MARÉ

TELEFONE: (21) 3105-7265

facebook.com/centrodeartesdaamare

07/11 (terça-feira)

Exibição do Doc. Primavera das Mulheres e Barzar Maré

Horário – 18h às 22h

09/11 (quinta-feira)

Panorama de Dança apresentação da Anti Status Quo Companhia de Dança

Horário – 19h

17/11 (sexta-feira)

Mostra Maré Sem Fronteiras

Horário – 16h às 22h

24/11 (segunda-feira)

Espectáculo Efêmera (UK)

Horário – 20h

25/11 (sábado)

Livro Labirinto

Horário – 14h às 18h

27/11 a 02/12 (segunda a sábado)

Livro Labirinto

Horário – 15h às 18h

30/11 (quinta)

Sarau Literatura Preta com Conceição Evaristo

Horário – 18h

Exposição ‘Conceição Evaristo’

Até 10 de dezembro. De segunda-feira a sexta-feira, das 9h às 21h (educativo até às 17h). Sábados, das 9h às 13h

TODA PROGRAMAÇÃO É GRATUITA

NOVA MARÉ**Lona Cultural Municipal Herbert Vianna**

RUA IVANILDO ALVES, S/N, NOVA MARÉ

TELEFONE: (21) 3105-6815

facebook.com/lonaculturaldamare

01/11 (quinta-feira)

Mês da Consciência Negra – Oficina bonecas Abayomy e Cine Clube Rabiola

Horário – 15h às 19h

10/11 (sexta-feira)

Favela Rock Show

Horário – 21h

14/11 (terça-feira)

Espectáculo Obinrin! Ventos na Maré

Horário – Oficina às 15h e

apresentação às 18h

16/11 (quinta-feira)

Pré-produção Mostra Maré Sem Fronteiras

Horário – 15h às 18h

18/11 (sábado)

Maré AfroBrécho

Horário – 14h às 20h

Toda semana de segunda a sexta

Projeto Nenhum a Menos:

Teatro, complementação pedagógica, iniciação musical e robótica

Todas as sextas-feiras, das 15h às 18h

Laboratório Vivo Muda Maré

01 a 29/11

Projeto Heranças Africanas

TODA PROGRAMAÇÃO É GRATUITA

PARQUE MARÉ**Baile Charme da Teixeira**

Quando – domingos

Horário – a partir das 20h

Localização – Rua Teixeira Ribeiro 563 - na calçada da Loteria

PARQUE UNIÃO**Baile Funk do PU**

Quando – sextas

Horário – a partir das 23h

Localização – Rua Ari Leão

Roda Cultural do Parque União

Hip hop, trazendo sempre atrações musicais e batalhas de MCs.

Quando – sextas

Horário – 18h

Localização – Rampa de Skate, no final da Rua Ari Leão

Baile Retrô

Baile funk da antiga e charme.

Quando – domingo

Horário – a partir das 23h

Localização – Rua Roberto da Silveira

Praça do Parque União

O forró da Praça já um evento consagrado e que já trouxe grandes

bandas para o local, com o apoio principalmente dos comerciantes do entorno.

Quando – domingos

Horário – a partir das 22h

Localização – após a Passarela 10, antes da entrada da Ilha

BBBar

Tradicional Pagofunk já famoso na Maré e fora dela.

Quando – sábados

Horário – a partir das 22h

Localização – Rua Larga

PRAIA DE RAMOS**Pagode do Litão**

Pagofunk sempre com uma atração do funk e do pagode.

Quando – sextas

Horário – a partir das 23h

Localização – Piscinão de Ramos – Passarela 13

SALSA E MERENGUE**Pagode da C11**

Um dos eventos mais tradicionais de funk e pagode da Maré.

Quando – sextas e domingos

Horário – a partir das 22h

Localização – Via C11

VILA DO JOÃO**Baile da VJ**

Quando – sábados

Horário – a partir das 23h

Localização – Rua Quatorze e alguns eventos especiais na Quadra da Vila do João

VILA DOS PINHEIROS**Tabacaria Dread Locks**

Shows de bandas do cenário alternativo do rock, reggae, rap e eletrônico. O local tem frequentadores assíduos que colocam *playlist* colaborativa.

Quando – sextas e sábados

Horário – a partir das 20h

Localização – Via B9 - em frente ao bloco 1

FLUP 2017 - VIDIGAL

A favela na Avenida Niemeyer será palco da sexta edição da FLUP, Festa Literária das Periferias, que receberá mais de 40 de escritores nacionais e estrangeiros para discutir temas relacionados às revoluções - entre elas as sexuais, científicas ou da internet.

Saiba mais: <http://flup.net.br/>

Visitação pública: de 10 a 15 de novembro de 2017

Entrada gratuita

A saga da travessia

Moradores de Marcílio Dias ficam sem passarela pela segunda vez

HÉLIO EUCLIDES

Moradores antigos da Maré relatam que, no passado, a Avenida Brasil não tinha divisórias e nem passarelas. A travessia precisava ser feita para pegar água com o “rola-rola” e o galão. Meio século se passou, ocorreram duplicações e um grande aumento no número de veículos, ficando inviável e proibido atravessar as pistas driblando os carros. Contudo, o morador de Marcílio Dias viveu um pesadelo: precisar atravessar a Avenida Brasil e perceber que uma parte da passarela estava ausente. Isso ocorreu duas vezes com a passarela 16, em frente à saída de Marcílio Dias. Esta segunda vez aconteceu no dia 21 de setembro, quando um caminhão bateu e danificou a passarela. “Esse transtorno atrapalha a vida especialmente de crianças e idosos. Estamos orando para que a situação seja resolvida”, conta **Carmem Lúcia**.

A Associação de Moradores de Marcílio Dias fez pedidos para diversos órgãos e con-

seguiu que fosse recolocado o pedaço danificado. A parte retornou ao local, apoiada por andaimes e rampas, só no dia 28 de setembro. Durante esse período de inviabilidade da passagem, placas recomendavam a utilização da passarela 15 ou 17, ambas muito distantes. O que aconteceu é que alguns pedestres improvisaram um atalho, seguindo por cima do viaduto Lobo Junior. “A população ficou em perigo, andando à noite na escuridão. O viaduto tem grades retorcidas, e fios expostos, o que traz riscos de choques. Além de objetos da pista que podem bater nas pessoas. A caminhada é de risco”, reclama **Luciano Aragão**, vice-presidente da Associação de Moradores de Marcílio Dias.

Alguns pedestres mais apressadinhos atravessavam as pistas e se desviavam dos carros na Avenida Brasil. O saldo negativo foi a morte de um morador. “Tive de subir o viaduto para ir estudar, sei que há riscos. Mas ainda é melhor que atravessar entre os carros

ELISÂNGELA LEITE



A passarela 16 sofre por ser muito baixa e quebra com frequência com a passagem de caminhões

na Avenida Brasil. Meu vizinho morreu assim”, desabafa **Ney-de Marques**. O problema da passarela 16 é que ela é baixa e prejudicada ainda mais pela elevação do asfalto na obra do BRT Transbrasil.

Para evitar outro acidente, placas foram colocadas pela via que determinam altura máxima de 5 metros. A Secretaria Municipal de Urbanismo, Infraestrutura e Habitação informou que foram feitos estudos para ver se a estrutura da passarela tinha sido afetada com o acidente. Após esse trabalho, foi recolocada a parte retirada. Prometeram, ainda, que em um segundo momento vão rever a necessidade de uma nova passarela que seja adequada para a pista do BRT.

O BRT esqueceu Marcílio Dias

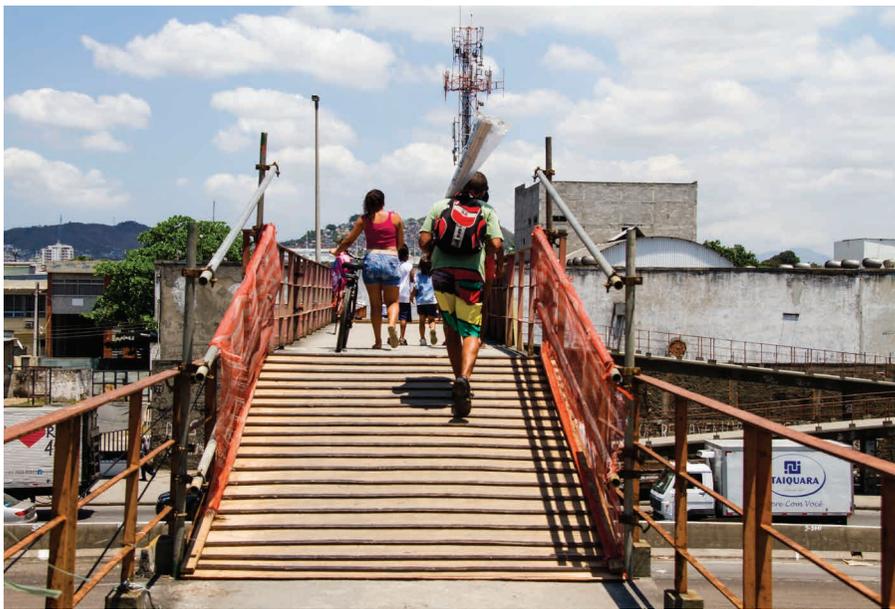
Além da distância da Avenida Brasil que os moradores de Marcílio Dias precisam caminhar na ida e na volta para os seus lares, o pior pode ainda acontecer. Em julho deste ano, a Secretaria Municipal de Urbanismo, Infraestrutura e Habitação declarou que a Marcílio Dias seria atendida apenas pela estação do BRT na passarela 15, denominada Marinha do Brasil.

A próxima estação só seria na passarela 18, em Brás de Pina. O que chama a atenção é que a Marinha teria à sua disposição duas estações: a da passarela 15 e a 14, essa última batizada de Marinha Mercante. Do outro lado, moradores de Marcílio Dias ficariam sem acesso.

Para seguir até a passarela 15, os moradores gastariam 10 minutos, e cerca de mil passos a mais. “Há necessidade de uma estação do BRT, seria um ganho para a comunidade que já caminha tanto para chegar na Avenida Brasil”, diz **Luciano**. Para moradores, a estação é questão emergencial. “O acesso ao ônibus faz falta, precisamos lutar pelos nossos direitos e esquecer de quem só aparece aqui para pedir votos”, afirma **Roberta**. “Os governantes tinham de colaborar com o povo, mas nunca pensam na gente. Agora terei de andar mais tempo”, reclama **Jociclay da Silva**, morador da Rua Lobo Junior, na Penha.

Num novo contato, a Secretaria Municipal de Urbanismo, Infraestrutura e Habitação voltou atrás e mencionou que ainda é cedo para falar o local correto de onde vão ser as estações, pois a obra do BRT não foi concluída.

ELISÂNGELA LEITE



O atalho de madeira feito para tentar resolver o problema da passarela se mantém até hoje

TEMOS DIREITOS!

SOMOS DA MARÉ.

PERGUNTA

“Tinha visto no Jornal que a Justiça tinha proibido operações policiais na Maré. Isso é verdade? Se sim, por que tem acontecido diversas operações na Maré desde o início de setembro?”

RESPOSTA

Não é verdade! A Ação Civil Pública da Maré, proposta pela Defensoria Pública, não teve como objetivo proibir operações policiais na Maré. Ao lado do Ministério Público, a Defensoria Pública entende que as operações policiais podem acontecer na Maré, desde que respeitem os direitos fundamentais das moradoras e moradores da Maré. Isso significa que as operações policiais vão acontecer, mas precisam seguir algumas normas que garantam os direitos, sobretudo o direito à vida, dos moradores da Maré.

As principais decisões dessa Ação Civil Pública são:

- O governo do estado do Rio de Janeiro terá de apresentar até janeiro de 2018 um plano de redução de danos durante as operações policiais. A partir desse plano, a ser desenvolvido pela Secretaria de Segurança Pública, pretende-se diminuir as violações de direitos e mortes durante as intervenções policiais na Maré, utilizando condições legais;
- Estão proibidas as operações policiais no período da noite, conforme já previsto por lei;
- A Secretaria de Segurança Pública deve criar mecanismos para a fiscalização das invasões de domicílio que, na maioria das vezes, acontece de forma ilegal;
- É obrigatória a presença de ambulâncias, na forma da Lei 7.385/2016;
- Prevê a instalação gradual de câmeras de vídeo e áudio e de GPS nas viaturas que circulam na Maré.

Caso os moradores identifiquem o descumprimento das determinações dessa Ação Civil Pública, podem entrar em contato com o Núcleo de Direitos Humanos da Defensoria Pública (informações pelos telefones 2332-6186 ou 129). As denúncias também podem ser encaminhadas para o Grupo de Apoio Estratégico de Segurança Pública do Ministério Público (e-mail: secretaria.gaesp@mprj.mp.br).

A ONG Redes da Maré, por meio do projeto Maré de Direitos, também está organizando as denúncias feitas pelos moradores e encaminhando de forma anônima para o Ministério Público e Defensoria Pública. O atendimento sociojurídico acontece todas as sextas-feiras, das 9h às 13h, na sede da Redes da Maré, na Nova Holanda ou pelo WhatsApp do projeto (99924-6462).

ENVIE SUA PERGUNTA PARA:
comunicacao@redesdamare.org.br

CAÇA-PALAVRAS

www.coquetel.com.br

© Revistas COQUETEL

Procure e marque, no diagrama de letras, as palavras em destaque no texto.



Birra ou TDO?

Quem nunca viu uma **CRIANÇA** fazer alguma **BIRRA** com os pais: **BATER** os pés, jogar-se no chão, **CHORAR** sem parar e outras coisas mais?

ATITUDES como essas são relativamente comuns. No entanto, quando a criança ou adolescente constantemente perde a **PACIÊNCIA**, discute com os outros, desobedece às **REGRAS** ou demonstra outros hábitos **ARREDIOS**, isso pode ser **SINAL** de um problema chamado Transtorno Desafiador **OPOSITIVO**.

Definido como um padrão **GLOBAL** e persistente de comportamentos **NEGATIVISTAS** e hostis, estima-se que esse **DISTÚRPIO** afete de 2 a 16% da população **INFANTIL** e adolescente.

Portanto, caso essas ações se **PROLONGUEM** por mais de 6 meses, o que é mais perceptível no ambiente de **CASA** ou escolar, os adultos devem procurar **AUXÍLIO** psicológico.

Z	E	R	R	A	R	O	H	C	C	T
C	C	K	I	Z	Y	T	S	B	E	E
G	L	O	B	A	L	M	K	X	S	X
Z	H	I	M	R	T	T	C	N	O	M
G	I	A	Ç	N	A	I	R	C	I	L
H	J	E	B	X	G	N	I	K	D	B
A	I	C	N	E	I	C	A	P	E	Z
T	E	Z	M	C	D	C	J	R	R	J
R	W	D	R	N	T	H	T	T	R	Z
I	F	I	T	E	N	E	D	L	A	E
N	M	S	H	G	T	Y	J	W	H	I
F	X	T	T	A	S	A	S	A	C	H
A	T	U	B	T	J	J	Z	T	N	D
N	H	R	R	I	J	I	L	H	Y	L
T	I	B	R	V	Y	B	I	R	R	A
I	Z	I	D	I	H	S	I	X	F	T
L	C	O	J	S	H	L	L	I	B	I
S	Y	E	T	T	R	Z	B	Y	I	L
L	M	N	W	A	G	B	A	T	E	R
S	B	W	R	S	B	L	H	Z	L	G
O	P	O	S	I	T	I	V	O	J	E
V	J	A	W	N	D	W	F	V	S	G
T	R	T	U	J	F	H	Z	E	L	F
S	E	N	X	X	S	I	D	B	T	S
B	G	V	G	R	I	U	N	T	H	I
B	R	F	E	X	T	L	T	R	N	N
X	A	J	N	I	X	I	I	G	X	A
D	S	R	T	C	H	N	D	O	C	L
I	C	A	H	W	N	W	H	K	R	
M	E	U	G	N	O	L	O	R	P	H

MARÉ DE Direitos



O WHATSAPP RECEBE FOTOS, VÍDEO E TIRA DÚVIDAS. AS INFORMAÇÕES QUE CHEGAM NO WHATSAPP SÃO MANTIDAS EM SIGILO.

ATENDIMENTO SOCIOJURÍDICO GRATUITO COM PROFISSIONAIS DO SERVIÇO SOCIAL E DO DIREITO.

SEXTA-FEIRA | 9H ÀS 13H

REDES DA MARÉ

Rua Sargento Silva Nunes, 1012 Nova Holanda (ao lado da Praça da Nova Holanda)

WHATSAPP: 99924-6462



Os melhores passatempos todos os meses nas bancas. Aproveite!

coquetel.com.br



Solução

